

Kepler

OS GENIOS DA ASTRONOMIA MODERNA

KEPLER

I

Corria o seculo xv. Graves e importantes acontecimentos abalavam a velha Europa nos seus alicerces carcomidos. Findára a edade média, esse periodo de profundas meditações, de improbos labores, de porfiosos combates, em que milhares de intelligencias, esquecidas hoje, se escondiam umas nas solidões clausuraes, outras no tumultuar da guerra, e luctavam arca por arca, até ao extremo arranco, com a ignorancia, com os preconceitos herdados, com os terrores supersticiosos, com o fanatismo sombrio, que envolviam a humanidade em densas trevas.

Foi o seculo xv um periodo de grandissimas renovações. Tudo estava preparado para ellas.

O alfange musulmano, ao tempo que já quasi não brilhava ao sol dos combates na Peninsula, lançava o seu fatidico reflexo no imperio dos Commenos e Paleologos, e, empunhado pela mão de fero conquistador, cortava os fracos elos que ainda ligavam o oriente ao occidente. Os restos da civilisação dos Cesares baquearam então, alluidos pelos seculos, e o crescente ergueu-se impavido por sobre as cúpulas bysantinas, por sobre os parthenons de um mundo que soltára o ultimo suspiro.

A Europa estava ameaçada de outra invasão de barbaros, e sobre os pingues lactifundios do Danubio, assim como sobre os deltas lacustres do Ganges, podiam acampar os novos khans com as suas hordas não menos selvagens e sanguinarias, e os modernos Atilas com os seus guerreiros do crescente.

Os sabios que cultivavam as sciencias nas margens do Bosphoro, vestaes que ateavam o sacro fogo, magos que obedeciam a um destino providencial, fugiram como as andorinhas quando estala o trovão e se desencadeiam as furias da natureza. Acolheu-os a formosa Italia, e Florença, a Athenas das edades modernas, guardou os manuscriptos dos genios archaicos.

Ao passo que as trevas do oriente impelliam para o occidente a tibia luz da civilisação ainda ortiva, por uma endosmose social, aproavam os novos argonautas as suas caravelas ao berço da aurora, e compensavam com esplendor e ganancia o terreno perdido.

Portuguezes, italianos e hespanhoes, dignos descendentes dos romanos, achavam estreito o ambito europeu, e iam-se em busca de novas aventuras e novos paizes com que enriqueciam o peculio da civilisação. Entrevia-se a America nas sombras do desconhecido, e após ella seguiam-se todas essas ilhas índicas, como as perolas de um collar riquissimo. A imprensa já então fazia gemer os prelos, e estes gemidos eram os de um parto fecundo e venturoso com que o mundo havia de locupletar-se.

A polvora, essa força de destruição, esse cauterio de excrescencias, esse instrumento que torna os homens brutamente eguaes, ameaçava tambem os reis e os potentados, dizendo-lhes verdades pela boca dos canhões.

E a par d'estes elementos tão poderosos, que mil forças diversas conspirando para o mesmo fim! Que de acontecimentos providencialmente ligados! Que de intelligencias robustas a dividirem-se em parcellas, para que fossem nuncias da idéa moderna e da moderna doutrina!

Era a Europa um corpo enfermiço, profundamente corroído e gangrenado. Estremecia o feudalismo nos seus castellos roqueiros, cujas torres e barbacãs mal

podiam resistir aos canhões e colubrinas. Os reis, alliando-se com os populares e mesteiraes, fundavam a monarchia sobre a democracia, e influiam, no throno que alevantavam, a futura ruina.

Repercutia-se então em toda a Europa o clangor dos combates. Havia guerra por toda a parte, mas guerra santa e fecunda, guerra de altissimos principios e maximas idéas, guerra de liberdade e civilisação. Firmavam-se nacionalidades, robusteciam-se elementos sadios. Armavam-se e adextravam-se os servos da gleba, não para defender o pendão do senhor, senão para delimitar as raias da patria, e assegurar a independencia e a felicidade dos seus. O lar domestico começava a ser asylo e propriedade, e não mera e transitoria dadiva de torvo castellão. A terra ia-se libertando, e as cadeias dogmaticas caíam umas após outras.

Por sobre aquelle baquear de ruinas, por sobre aquelle redopiar delirante, erguia-se pura e serena a harmonia, divisava-se necessaria e irremediavel a ligação dos factos, porque uns eram consequencias logicas dos outros. As guerras de religião, travadas e sanguinarias, e que algum espirito menos claro poderia alcunhar de desvarios, eram a suprema odediencia á logica implacavel das coisas. João Huss, Jeronymo de Praga, e após estes Calvino, Luthero e Jansenio, essas figuras esculpturaes que não desmerecem em comparação de Santo Agostinho, Santo Ambrosio, S. Jeronymo e S. Bernardo, mostraram que o homem é de si tão livre, que até póde rejeitar o dogma religioso.

Tal foi o seculo XV, manancial perenne das sociedades actuaes, origem do nosso viver e crer, germen que continha em todos os seus caractéres e feições os seculos porvindouros.

Tal foi o seculo XV. De um lado o feudalismo que se desmoronava, do outro os reis que se colligavam com o povo; de um lado a servidão, do outro a liberdade; de um lado os castellos rouqueiros, as armas de arremesso, as armaduras; do outro as fortificações de Durer, Leonardo de Vinci, Speckler e Pagan, as colubrinas phantasiosas e os mosquetes; de um lado as estreitas guerras fratricidas, as barreiras e peias de aldeia para aldeia, de burgo para burgo, de villar para villar, o fanatismo religioso, os odios commarcãos, as torrentes de sangue a retingirem as campinas, o trabalho do homem adstricto á gleba, todos os vicios dos romanos unidos em intimo consorcio com os instinctos ruins dos selvagens; do outro o auspicio das novas doutrinas, a fundação das nacionalidades, a protecção e o respeito, a lucta pela liberdade de consciencia.

Se em vez de considerarmos o seculo XV pelo lado politico e economico, o contemplarmos pelo lado da arte e da sciencia, que novos esplendores e infindas riquezas, que de maravilhas não encontrâmos! Na architectura consultam-se os edificios antigos; o Parthenon e o templo da Paz inspiram os modernos architectos que se vão desprendendo da ogiva, a qual é até certo ponto a negação da harmonia e da resistencia; na pintura e esculptura surgem os primeiros genios, esses artistas sublimes que fundaram a eschola italiana, hespanhola, flamenga e allemã; na poesia sobrelevam os genios canoros, que avivaram as tradições classicas sem esquecer as endeixas dos bardos; na historia começam os imitadores de Tacito a combinar o rigor e a verdade com o viço e frescor de Froissard e Fernão Lopes; na mecanica, na physica e na geometria revivem Archimedes e Euclides; na chimica começam a soffrer quebra os desvarios dos alchimistas, que não seguiam methodos deductivos; na astronomia era mister que o dogma protegesse a hypothese de Ptolomeu contra os trabalhos de Maria, Regiomontano e Copernico; e na philosophia, n'esse consorcio amoravel e harmonioso de todas as sciencias, Aristoteles já não levava de vencida os venerandos nomes de Thales e Pythagoras.

Tal foi o seculo XV, primeiro acto do drama que começou com a morte de Christo, e cujos heroes foram todos os genios que enriqueceram a humanidade nos periodos que hão decorrido.

Seculo de immensa renovação e luctas grandiosas. Seculo que assistiu á catastrophe de um mundo, ao cataclismo de uma civilisação. Seculo de guerra entre o justo e o injusto, entre a mentira e a verdade. Alevantaram-se então os primeiros homens que em todos os ramos da philosophia prepararam o terreno para futuros commettimentos.

Que importava que as labaredas inquisitoriaes cingissem o corpo do pensador livre, se as idéas corriam o mundo e concitavam á rebellião? Que importava que o catholicismo prégasse tendo á direita o carrasco e á esquerda o confessor, se a liberdade havia de raiar a final, e primeiro que ella os successivos progressos da sciencia e das artes? Que importava que a tormenta estalasse, se os raios haviam de fender as trevas que depois seriam arrojadas para longe?

No meio d'aquelle tripudio de combates e recontros divisava-se, pois, a harmonia.

A humanidade vingava os proprios destinos, e respondia triumphantemente á eterna pergunta que os seculos, cada qual por sua vez, lhe iam fazendo uns após outros. A essa pergunta do scepticismo, que negava a harmonia do mundo physico e do mundo moral, aquelle pela servidão das coisas ás leis naturaes, este pela liberdade do homem; a essa pergunta tão cheia de espinhos respondeu o seculo XV, erguendo-se armado do tumulo em que o haviam enterrado vivo, e apontando para o futuro como um propheta inspirado. Respondeu com a lucta. E de feito, a resposta não podia ser outra. Á grandeza da pergunta convinha a grandeza da resposta. A lucta ou o cháos, a peleja ou o nada. O dilemma era tremendo. Mas aquella raça de gigantes não se acobardou. Combateu e venceu. Luctou com a natureza, arrancou-lhe dos seios avaros os segredos que guardava; luctou com o despotismo tenebroso, luctou com a escravidão, e desfez os grilhões que lhe arroxeavam os pulsos. Levou tudo de arrancada, legou exemplo glorioso ás gerações porvindouras, e deu os primeiros passos para determinar a harmonia da creação em todas as suas manifestações.

Por isso, repita-se, o seculo XV foi o germen da civilisação moderna. A elle deve a humanidade os enormes progressos que assignalam a sua carreira [1].

(Continúa) A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

O INFANTE D. HENRIQUE

(Vid. pag. 93)

VII

D. João I, como pae que sabia criar e educar os filhos, e como rei que sabia mandar, nos ultimos dezoito annos havia repartido pelos infantes as diversas provincias do governo do reino. N'esta divisão coube a D. Henrique a direcção e vigilancia das conquistas d'além do estreito, cuja séde era Ceuta, entrada por onde todos esperavam abrir caminho a maiores victorias.

Quando os moiros, em agosto de 1419, vieram cercar e combater a cidade, o mestre de Aviz, apressando os soccorros, confiára a seu filho a armada que enviou de Lisboa em auxilio da praça, e notámos já como no reinado de D. Duarte a expedição de Tanger fôra guiada egualmente pelo infante, não enco-

[1] Sobre este ponto é muito para consultar e admirar o bello estudo ácerca de Bacon, pelo sr. Latino Coelho, publicado no vol. VII d'este jornal.

brindo as accusações que padeceu por causa do revez e do captiveiro do irmão, nem a firmeza com que se oppozera á restituição de Ceuta, exigida em resgate do principe pelos infieis.

Finalmente, quando Affonso v determinou investir em pessoa Alcacer, consultou o tio, concertou o plano e o modo do assalto com elle, e embarcando em Setubal a 30 de setembro de 1458, foi buscal-o a Sagres, aonde residia, para esperarem juntos a frota do Porto, commandada pelo marquez de Valença. A esquadra com que el-rei desaferrou das praias do Algarve compunha-se de duzentos e oitenta vasos, entre galés, naus, fustas, caravelas, e navios de guerra e de transporte, e levava a bordo vinte e seis mil homens de peleja [1].

Alcacer, que os arabes chamavam *Cassar ezzaghir* (paço pequeno), tinha sido edificada por Almansor, Emir Al Moumenim de Marrocos, na orla da costa, a tres legoas da Peninsula Hispanica, para abrigo de suas velas e defesa do embarque de suas tropas. Era villa sadia, risonha e populosa, rica de mercadores e fabricantes, e mais que todas frequentada pelo commercio maritimo.

Affonso v resolvêra rendel-a. O tio, conforme com elle, coadjuvára com grande zêlo este intento. Tres dias de navegação aproaram a armada á barra de Tanger. O filho de D. Duarte, cujos altos pensamentos não desmentiam os brios reaes, contemplando a nobreza e opulencia da cidade, e hesitando se deveria trocar por acção mais illustre o feito de Alcacer, convocou os infantes (D. Henrique, seu tio, e D. Fernando, seu irmão), e reunindo o conselho, propoz-se convencel-os a todos das vantagens na nova empreza.

Contava el-rei então vinte e seis annos de edade, era dotado de presença gentil, muito agil e esbelto de corpo, apesar de um pouco grosso, usava barba comprida, tinha o rosto alvo e córado, e maneiras insinuantes. Dado ás letras, amigo e protector de seus cultores, fallava e escrevia com eloquencia, e possuia o raro condão de grangear vontades e de attrahir affectos [2].

O discurso, cuja substancia referem os chronistas, fôra calculado para arrebatar cavalleiros como os que trazia consigo. Recordando-lhes o desbarato de 1436 diante dos muros d'aquella cidade, e a necessidade de o vingar agora, que a occasião se lhes offerecia propicia, ponderou que, rendida Tanger, a gloria e o terror de nossas armas nos abririam com facilidade as portas de Alcacer. Insistiu depois, e apontou os motivos que o demoviam do primeiro proposito, inclinando-o ao segundo. O enthusiasmo é contagioso, e a voz dos soberanos quasi sempre persuasiva, se pede o que póde mandar.

Os mancebos applaudiram o rei, animados do mesmo ardor; mas o infante D. Henrique, amestrado pela experiencia, já ancião (64 annos), e tão pago de illusões juvenis defronte d'aquellas muralhas, oppoz com auctoridade o seu voto ao do sobrinho, e prevaleceu pela prudencia e madureza das razões [3].

Louvando-lhe o valor invencivel, e lisonjeando-o como quem conhecia as fragilidades d'aquelle caracter heroico, no principio poz de parte, para não lhe ferir o orgulho, a fortaleza de Tanger e os perigos de a combater de leve, dizendo cortezmente, que não duvidava do exito, pois aonde estava el-rei não havia facção difficil. Ao mesmo tempo valeu-se do unico argumento que podia abalar-lhe a sua resolução.

Notou que a gente guerreira que o acompanhava partíra de Portugal com a promessa da conquista de Alcacer, e que, para a intentar, todos traziam a vontade prompta, persuadidos de que a mesma coisa seria ver a villa do que ganhal-a; mas que sabendo de repente a mudança, e pouco dispostos para ella pelas lembranças dos desastres passados, podiam desmaiar, obedecendo constrangidos, e pelejando mais por vergonha que por vontade.

«Se por esta causa (ajuntou) accommettesseis Tanger sem a vencer, a fadiga e tristeza do revez obrigar-vos-hiam a recolher ao reino sem investir Alcacer, e, além do pejo do feito mallogrado, ouvirieis queixas e censuras por causa das despezas e do sangue prodigalisado sem fructo.» Affonso v escutou attentamente as palavras do infante, convenceu-se da sabedoria d'ellas, e encerrou a deliberação, exclamando: «Em nome de Deus seja! Vamos a Alcacer [1].»

Dois dias depois avistava as ameias e as torres da villa. Era tal a impaciencia do rei, que mandou logo armar os bateis e saltar a gente; mas o numero das fustas e o dos bésteiros e homens de armas alongavam o desembarque, apressado pelo animo insoffrido do principe. O infante D. Henrique, com a sua divisão de quarenta velas, descaindo com a força das aguas, tinha sido forçado a ancorar duas legoas abaixo, e por isso tambem se demorava. Conseguiu por fim cortar a corrente, aproximou-se, e os escaleres remaram immediatamente para terra. Foi a voga arrancada com tal vigor, que todos vararam na praia quasi a um tempo, e nunca se alcançou com verdade quem fôra que a trilhára primeiro.

Mais de quinhentos moiros, cavalleiros e ousados, e muitos homens de pé, defendiam aquellas areias, e começaram a regal-as de sangue seu e nosso. Pelejavam os portuguezes diante dos olhos do rei, haviam jurado dar-lhe Alcacer, e vinham sofregos de medir o braço com os infieis; mas estes, resistindo, sentiam o esforço avivado pelo amor dos filhos e das mulheres, e pela esperança de conservar a patria e os bens. Durou bastante o recontro, e só depois de caírem alguns mortos de parte a parte é que os da villa esmoreceram, recolhendo-se uns pelas portas logo cerradas atraz d'elles, e refugiando-se outros nas brenhas quasi inaccessiveis da serra visinha, aonde os nossos se não atreveram a seguil-os [2].

Anoitecêra ao findar a refega, e os capitães aproveitaram as trevas para desembarcar os trons, as bombardas e os petrechos necessarios para o combate da villa, riscando e assentando ao mesmo tempo o arrayal, porque viram logo pela mostra bellicosa que os moiros tinham dado de si, que sem engenhos de guerra os não haviam de render tão cedo, como imaginavam, ou como se lhes promettêra. Os infieis por seu lado tambem não repoisaram. Não se fiando nas fortificações que os cobriam, levantaram á pressa novos parapeitos e reparos, e proveram-n'os com diligencia de defensores e munições.

Não lhes deu tempo para mais a intrepidez del-rei. Apenas amanheceu, repartidos os postos e ordenados os terços e companhias, mandou tocar as trombetas e accommetter de rosto as tranqueiras, que os da villa sustentaram com tiros de pedra, nuvens de azagaias, panellas de polvora e arremessos variados. Dilatou-se a contenda com muito sangue esparzido de parte a parte. Por ultimo, os agarenos, não podendo já suster o impeto dos portuguezes, deram as costas, e metteram-se dentro dos muros, pouco esperançados de os salvar da ruina [3].

Ennovelaram-se de envolta com elles alguns dos nossos, subiram outros os vallos atropellando-se, e muitos, rompendo as paredes com as armas, penetraram pelas brechas. Os cavalleiros da mercê do infante D. Henrique, vendo o tumulto da investida,

1 Este é o calculo de Damião de Goes na *Chronica do principe D. João*, cap. x. Outros auctores contam só 220 velas e 20:000 combatentes.
2 Vid. Ruy de Pina, Pulgar, Garibay e Nunes de Leão.
3 Damião de Goes. *Chronica do principe D. João*, cap. xi. — Duarte Nunes. *Chronica del-rei D. Affonso* v. — Ruy de Pina.

1 Damião de Goes. *Chronica do principe D. João*, cap. xi. — Duarte Nunes. *Chronica del-rei D. Affonso* v. — Ruy de Pina.
2 Os mesmos auctores citados.
3 Goes. *Chronica do principe D. João*. — Ruy de Pina. — Nunes de Leão.

acudiram com machados ás portas das tranqueiras, arrombaram-n'as, e por ellas dentro, como torrente despenhada, chegaram em tropel a pôr as lanças nas portas da villa, que, mais fortes e chapeadas de ferro, lhes desfalleceram os braços, não se deixando despedaçar. Dos adarves os moiros repelliram-n'os com invenções de fogo e golpes desesperados, até que os forçaram a afastar-se, mal feridos e desenganados.

Espaçaram-se os combates até o sol se esconder. A resistencia dos inimigos provára ao infante e a el-rei que o lance de Ceuta e o milagre da primeira conquista africana não se repetiria em Alcacer. Ambos, como bons capitães, cuidaram em dispor as coisas de modo que a villa caísse em seu poder antes que assomasse de fóra algum soccorro [1].

Aproximaram-se da muralha as mantas de guerra e os engenhos, picou-se o muro em differentes pontos, e encostaram-se as escadas para subir aos terraços. Rebentou com o alvorecer a peleja por todas as partes, turvou-se a claridade do dia com a chuva de frechas, pedras e pelouros cruzados, e coroaram-se de fogo as ameias. As escadas, tombadas, esmigalhavam-se no chão com os que as trepavam; os trons, disparados uns após outros, enviavam pelos ares grossas quadrellas, que, silvando, vinham estalar as mantas de guerra, ou rasgavam horrendos sulcos nas fileiras rotas e ensanguentadas dos sitiantes. Ao desafio das trombetas e caixas christãs respondia a fera braveza nos atabales e anafis moiriscos; as vozes de S. Jorge e de Portugal eram abafadas pelos clamores de Allah e Alkassar! Juncou-se de feridos e de mortos o campo; mas o estandarte vermelho do propheta não se arriou nas torres diante da bandeira das quinas. As sombras da noite, no segundo dia, baixaram sem a victoria sobre as dores e gemidos, e sobre o espectaculo cruento dos arrayaes inflammados. As horas de repoiso, em vez de aplacar, atearam as iras e o incendio. Durante ellas recrudesceu a lucta.

Ia já a noite em meio, sem tregoa no conflicto, quando o infante D. Henrique, como cavalleiro pratico na arte militar, mudando de tactica, mandou assestar contra o muro uma bombarda grossa, e tentando com premios a cubiça do mestre, conservou-se ao lado d'elle em quanto fez os tiros. O primeiro derrubou logo um grande lanço de muro, e o segundo ainda alargou a brecha. Receosos os moiros de que o engenho lhes acabasse de demolir de todo a defesa, e movidos pelos prantos e súpplicas das mulheres e dos filhos, acenaram de cima com bandeira de paz, e pediram quartel.

Mandou o infante suspender o combate e calar o ruido das armas. Offereceram-lhe a entrega da villa em troca da vida, da liberdade e das fazendas; concedeu, mas exigindo os captivos christãos, e refens que assegurassem a lealdade do pacto. Submetteram-se os vencidos, confirmou Affonso v a capitulação, e a 23 de outubro de 1458 Alcacer era del-rei de Portugal. Os infieis despejaram a villa de madrugada, saíndo com as mulheres, as crianças e o espolio que poderam transportar. Ao meio dia entrava D. Affonso na povoação rodeado da sua corte guerreira.

Esta foi a derradeira empreza do infante D. Henrique em terras de Africa, louvado por consenso unanime em todo o cêrco como o unico e verdadeiro auctor da conquista. Desforra de um grande espirito na infelicidade de Tanger. A fortuna compensou-lhe com a gloria d'estes dias e com os jubilos do triumpho as humilhações e amarguras do primeiro revez. O filho de D. João I não dormiria tranquillo ao lado do tumulo de seu pae, se não podesse attestar ao vencedor de Ceuta, que o captiveiro de seu irmão D. Fernando ficava vingado com o captiveiro de Alcacer.

(Continúa) REBELLO DA SILVA.

1 Ruy de Pina. — Goes. — Nunes de Leão.

PONTÕES

Em todas as marinhas do mundo os navios que tem attingido a edade em que não podem impunemente arrostar com as vagas, passam á classe de invalidos, desarmando e ficando os seus cascos fundeados nos portos, e destinados a serviços diversos, taes como lazaretos ambulantes, barcaças, pontões, etc. Depois de haverem feito viagens, em que as peripecias nunca faltam; depois de terem tido uma existencia aventurosa e poetica, acabam por ser transformados, passando a uma existencia monotona e prosaica, qual é a de um deposito de carvão, a de um lazareto, a de uma barcaça para virar de querena, etc.; e isto até que um inverno mais rigoroso lhe metta agua e o faça ir a pique, ou um incendio fatal o consuma, accendendo um fogo que por longas horas allumia o porto, ou até que, em fim, seja rebocado para uma praia, onde, depois de desmanchado, fornece alimento para alguma marcenaria ou alguma cozinha, conforme a qualidade da sua madeira.

De todos os serviços a que costumam ser destinados os velhos navios, o mais triste e horrivel é o dos pontões, presigangas ou prisões fluctuantes. A maior facilidade em guardar os prisioneiros fechados em um navio fundeado, desarmado, cercado de agua por todos os lados e vigiado por muitas sentinellas, despertou nos inglezes a idéa de transformar os antigos navios em pontões, para guardar os numerosos prisioneiros durante as guerras do imperio.

Apresentam os pontões o aspecto mais triste que é possivel. São grandes navios, sem mastreação nem artilheria, tendo as portinholas, por onde outr'ora appareciam as bocas das peças, fechadas com fortes grades de ferro. Nos seus flancos, sobre o costado, um pouco acima da agua, um longo estrado de madeira serve de poiso a numerosas sentinellas que de dia e noite vigiam attentamente a lugubre prisão maritima.

Os pontões inglezes, que, durante as guerras do principio d'este seculo, a tantos infelizes fizeram padecer os maiores horrores do captiveiro, deixaram uma tristissima memoria do modo pelo qual o governo da Gran-Bretanha tratava os prisioneiros de guerra.

O viajante que se embarcava em um bote e passava junto a algum dos pontões inglezes fundeados em Portsmouth, Chatam, etc., presenciava o mais sinistro espectaculo, qual era o que apresentavam centenares de figuras, pallidas, descarnadas e macilentas, esbugalhando os olhos através dos intervallos das grades que forravam as portinholas dos pontões, e que procuravam respirar o ar menos corrupto do exterior da lugubre presiganga.

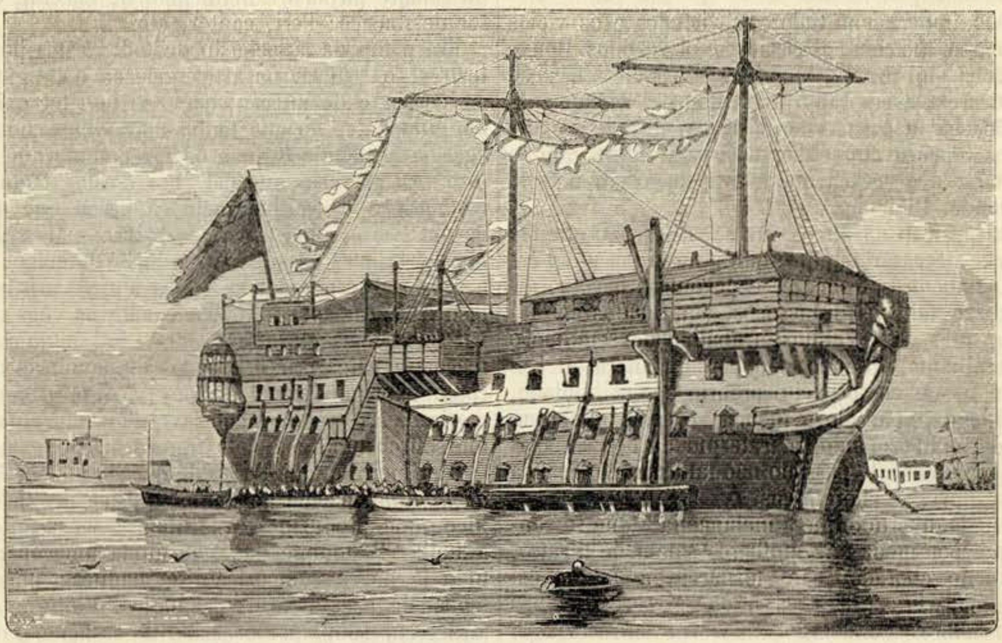
A cada instante o commandante de um pontão fazia contar e tornar a contar o numero dos seus prisioneiros; a cada momento uma inspecção vigilante era feita em todas as cobertas do velho navio; de hora em hora as grades da prisão eram visitadas, examinadas, e melhor pregadas ou soldadas. Apesar, porém, de tantas e tão minuciosas precauções, alguns dos desgraçados, cujo crime era o terem combatido nas fileiras do exercito ou da armada do seu paiz, conseguiram evadir-se.

Grandes são os esforços de imaginação e de persistencia de vontade que nos prisioneiros desperta a idéa de evasão. O homem que, livre, empregasse a decima parte da paciencia, da vontade, do genio e da subtilidade, alcançaria resultados pasmosos; entretanto, eram estas as qualidades necessarias para conseguir um prisioneiro fazer um buraco no costado de um pontão e escondel-o á vigilancia dos guardas, e isto tantos dias quantos os necessarios para concluir o trabalho e obter uma occasião favoravel para realisar a fuga! E quantos riscos e sobresaltos durante

todo este tempo não deviam fazer palpitar os corações dos desgraçados captivos! Que trabalhos insanos para conseguir furar o grosso costado de uma grande nau, abrindo um buraco através da madeira e do forro de cobre, e isto apenas com facas, navalhas ou canivetes, unicos utensilios que eram permittidos aos prisioneiros! e tantos calculos, combinações e trabalho para conseguir problematicamente o deitar-se ao mar, arriscando-se a morrer afogado, ou a ser fusilado pelos soldados do navio ou de terra! O que póde o amor da liberdade!

O buraco feito por alguns prisioneiros constituia um direito de propriedade para os seus auctores passarem em primeiro logar. A bordo dos pontões, diz Corbiére, havia no meio d'esta sociedade de homens, reunidos pelo captiveiro, todas as fraquezas do mundo: ricos e pobres, aristocracia e plebe, compunham a reunião d'estes homens privados da liberdade; aquelles que tinham conseguido, por qualquer modo, haver algum dinheiro, compravam aos mais pobres um ou mais logares para se alojarem mais á larga! os mais indigentes serviam os outros; eram-os seus criados! os que sabiam ler, escrever, desenhar, davam lições; até em alguns pontões o espirito francez imaginava representações! que dramas e que actores! As frequentes rixas que se desenvolviam a bordo tinham muitas vezes por consequencia o duello á faca ou á navalha. No meio d'esta horrivel sociedade, uma religião e um fanatismo unia no mesmo laço todos os prisioneiros; o amor dos compatriotas, e o da reciproca liberdade; assim, apesar do oiro dos inglezes e de todos os meios de corrupção que elles empregavam, raras vezes succedeu, durante as guerras do principio d'este seculo, que um captivo denunciasse os seus camaradas!

Contam-se evasões miraculosas na lugubre historia dos pontões; mas por cada fuga venturosa, quantas tentativas mallogradas, quantos desgraçados, afogados, fusilados pelas sentinellas! Citarei uma das mais notaveis evasões, a do almirante Grivel.



Pontão

Era em Cadix, a 22 de fevereiro de 1810, ás dez horas da manhã, a bordo do pontão *Castella-vieja*, fundeado perto da fortaleza da cidade; a pequena distancia estava uma linha de navios de guerra inglezes e hespanhoes; um grande numero de prisioneiros francezes, que gozavam a bordo de certa liberdade, entre os quaes figurava o official de marinha Grivel, depois almirante, que tinha sido feito prisioneiro na batalha de Baylen, guarnecia as portinholas do pontão do lado de bombordo, onde estava atracado um pequeno falucho hespanhol fornecendo aguada ao pontão; sobre aquelle barco estavam muitos prisioneiros ajudando a içar pipas de agua para bordo.

Em quanto uns prisioneiros se occupam na falua de ajudar a metter aguada, outros compram bacalhau, laranjas e diversos outros objectos a pequenos barcos que cercam a grande prisão maritima; cada um apparentava o maior socego e disfarce, aproveitando, porém, cuidadosamente o signal que devia fazer Grivel; alguns companheiros riam sorrateiramente julgando a tentativa impossivel.

De repente, Grivel, que passeiava no tombadilho, chega á escada, desvia brandamente a arma da sentinella, que tenta vedar-lhe a passagem, e salta rapidamente para o falucho, abrindo os braços; era o signal convencionado. Immediatamente alguns dos prisioneiros se arremessaram contra os marinheiros do barco, obrigando-os a lançarem-se ao mar, em quanto que outros se occupavam a toda a pressa de içar e caçar as velas. O mar estava muito agitado, o que difficultava muito a rapidez necessaria para a manobra; a amarra da prôa foi largada por mão, o falucho abateu todo para bombordo, mas ficou preso por um cabo que o atracava ao pontão; não havia faca ou navalha para o cortar; foi um momento de anciedade terrivel. Um dos fugitivos sacrificou-se; saltando para o pontão, largou o cabo, e o barco afastou-se promptamente. O desgraçado não teve tempo de descer; meia duzia de balas o atravessaram.

No meio de uma chuva de projectis de fusilaria e artilheria, lançados de bordo do pontão, o barco fugia rapidamente pelo favor de um vento fresco, dirigido por Grivel, que ia ao leme, e guarnecido por trinta e cinco prisioneiros; um d'elles, que sustentou a adriça da vela maior todo o tempo que foi necessario esperar que se podesse suster contra a violencia do vento, que impedia se podesse caçar as escotas, morreu no seu posto, crivado de balas. A li-

geira embarcação, habilmente conduzida por Grivel, dirigiu-se por entre uma multidão de navios mercantes fundeados ao largo na bahia de Cadix, e que serviram de resguardo aos tiros do inimigo; as guarnições d'estes navios inglezes, hespanhoes, hamburguezes, etc., sem distincção de nacionalidade, subiram ás enxarcias e vergas, e com grandes *hourras* victoriaram os fugitivos; a final, dirigindo-se para a costa de Santa Catharina, atravessou um comboio de guerra que entrava em Cadix, e que não lhes fez mal algum, aproou á costa andaluza, onde desembarcaram os prisioneiros, que em breve se apresentaram ao marechal Soult, o qual os recebeu com a maior alegria.

FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES.

A SENSIBILIDADE

(Conclusão. Vid. pag. 96)

II

A moda impera em tudo: as virtudes e os vicios submettem-se-lhe como as casacas e os vestidos. Houve uma epocha em que era moda ser sensivel; a tristeza que se decretava era tanto mais honrosa quanto menos razões havia para estar triste. A falta de desgostos reaes procuravam-se ficticios, com tanto que se apparentasse a desgraça que não podia existir no seio da felicidade. Ridiculos!

Esta disposição da alma, que se vae após o que lhe falta, deve necessariamente influir na direcção do espirito. Os auctores francezes e de outras nações, diga-se, sobre tudo os dramaticos, similhantes aos fabricantes de sedas e chitas, trabalhavam segundo o gosto dominante, quando não podiam alteral-o. Exploravam assim em proveito proprio a sensibilidade, como tinham explorado a incuria, e como exploram ainda hoje o liberalismo, a fraternidade e a associação. No fim do seculo passado não faltaram em França dramas e novellas choramigas.

Nada mais divertido que a melancolia a que se condemnavam por moda. As mulheres saíam do theatro, onde tinham chorado, para tornarem a chorar em casa. A mais graciosa seria a que tivesse os olhos mais vermelhos. Fallavam com a voz entrecortada; e as phrases, onde os suspiros e os soluços não substituissem os pontos e as virgulas, eram intoleraveis. Não importava que não soubessem pensar, era mister que soubessem apenas sentir.

Divergindo da faculdade de enfadar, que procede da natureza, a faculdade de entristecer adquire-se com arte. Ha homens que, sob este aspecto, poderiam dar lições nas academias. O mais habil de todos será o que, nos espectaculos, nos funeraes e em outras ceremonias, podér entristecer as coisas e contristar as pessoas, porque as lagrimas lhe obedeçam, mas para o qual não faltará tambem o riso na occasião em que seja preciso mostrar alegria.

Se a sensibilidade constitue o genio, derivam d'ella a faculdade de expressar felizmente o que profundamente se sentiu, e a de inventar os verdadeiros sentimentos que o homem deverá experimentar em situações em que nunca se encontrou. Quem duvidará de que foi a sensibilidade que inspirou os admiraveis versos de Virgilio, de Camões, de Racine, de Garrett e outros poetas que admiram os povos com o fulgor do seu genio?

Se devemos á sensibilidade as obras que nobilitam e engrandecem o talento, devemos-lhe tambem os institutos de que a humanidade se honra; institutos fundados pela caridade ou pela philanthropia, se se quer remoçar com uma palavra nova uma virtude antiga.

A MUSICA

(Vid. pag. 95)

IV

Grande revolução musical no seculo XVI — A *renascença* na musica — Academia florentina — Invenção do drama lyrico — A primeira opera lyrica — Decadencia da musica em Allemanha e França n'esta epocha — A musica em Portugal nos seculos XVI e XVII — Alguns compositores portuguezes notaveis — D. João IV amador e compositor de musica — Seus escriptos.

Foi, porém, na segunda metade do seculo XVI que a musica experimentou a mais notavel revolução. Em Florença, na capital da civilisação e das artes bellas n'esta epocha, na illustre cidade dos Medicis, no meio do movimento scientifico, litterario e artistico, e no seio d'aquella aspiração ideal e sociabilidade elegante que caracterisa o que se chama *renascença*, formava-se em 1580 uma sociedade, uma especie de academia, onde concorriam poetas, musicos, artistas e philosophos: taes eram Jacopo Corsi, poeta e musico; Rinucini, poeta; Mei, antiquario; Vicenzo Galileo, pae do celebre physico e mathematico; Caccini, compositor de musica; Peri, cantor, etc.

Era o fim da associação de todos estes homens illustres, o realisar na arte moderna a intima ligação da poesia e da musica, como diziam ter existido na antiguidade, e de que tantas maravilhas contavam. A egregia academia tratava de fazer como que uma *renascença* na arte musical. Foi d'estas tentativas de restauração da antiga melopéa grega que nasceu o drama lyrico, uma das mais bellas, mais sublimes e mais originaes creações do espirito humano, em que a musica, desprendendo-se das antigas prisões escholasticas, pêas que lhe encadeavam os vôos, vae elevar-se ás mais gloriosas alturas. Foi então que se começou a vulgarisar o uso das dissonancias musicaes como exprimindo melhor certas paixões naturaes. A partir d'esta epocha memoravel, a sciencia da harmonia soffreu uma completa transformação.

O primeiro drama lyrico de que ha noticia é a *Morte de Ugolino*, poema de Dante, musica de Vicenzo Galileo, que produziu extraordinaria sensação em toda a Italia. Posto que não seja ainda uma opera, comtudo já n'esta composição se manifesta uma grande tendencia para a fórma dramatica. Vinte annos mais tarde, em 1600, por occasião do casamento do rei de França, Henrique IV, com Maria de Medicis, representou-se em Florença, com o maior exito, a opera *Euridice*, de Rinuccini, musica de Peri e Caccini; em fim, em 1607, Monte-Verde, compondo a sua opera *Orpheo*, em Mantua, completou a grande revolução musical inaugurada vinte e tantos annos antes pela celebre academia florentina.

Em quanto uma completa transformação se operava na musica em Italia, a arte de Euterpe achava-se em grande decadencia em França, e mesmo em Allemanha, na Hollanda e em Inglaterra. E ainda durante o seculo XVII a Allemanha pouca influencia exerceu sobre a arte musical; em quanto a Inglaterra, Hollanda e França quasi nada produziram. Em França, durante todo o reinado de Luiz XIII, até a arte de escrever a musica sacra tinha sido esquecida. A primeira opera lyrica deu-se em França no reinado de Luiz XIV, por cantores mandados vir de Italia por Mazarino. Foi então que Lulli teve a idéa de escrever a primeira opera lyrica franceza, em 1672, mais de oitenta annos depois da invenção da opera lyrica em Italia. Isto foi um grande successo para a França e para a Europa; é d'esta epocha que data a creação de boas orchestras, que até então não tinha havido.

Em Portugal a musica foi cultivada, sobre tudo pela corte e pelos reis, nos seculos XVI e XVII, e alguns distinctos compositores houve, cujos nomes chegaram até aos nossos dias, que escreveram diversas composições

notaveis, sobre tudo em musica sacra [1]; taes foram João Fernandes Formoso, capellão del-rei D. João II, que floresceu na primeira metade do seculo XVI, muito versado na arte musical, e que compoz muitos psalmos, hymnos, etc.; Pedro Pimentel, fallecido em 1599, que, além de compor diversas peças de musica religiosa, sobre tudo para orgão, era grande tocador d'este instrumento; Agostinho da Cruz, que nasceu em 1594, foi conego de Santa Cruz de Coimbra e mestre de capella em S. Vicente de Lisboa, era grande tocador de rebeca e orgão, escreveu diversas peças, bem como methodos especiaes para o ensino dos que pretendessem tanger aquelles instrumentos; André de Escovar, que navegou para a India em 1580, foi compositor, e tocava charamelinha, instrumento (especie de corneta) em que era muito eminente.

Foi tambem no seculo XVI que se inventou a composição sacra que se denominou *oratoria*, e que mais tarde devia chegar ao seu apogêo com os genios de Hændel e Scarlatti.

Dos principaes compositores portuguezes que cultivaram a arte musical no seculo XVII, os mais notaveis foram:

Antonio Vieira, natural de Villa Viçosa, discipulo de Manuel Rebello; foi a Italia estudar, e esteve como mestre de capella muitos annos em Roma e Napoles; voltando a Portugal, foi mestre de capella no Crato, onde falleceu em 1650; deixou várias missas, psalmos e motetes.

João da Purificação, discipulo de Duarte Lobo; foi conego da congregação de S. João Evangelista, e mestre de capella na egreja de Santo Eloy, em Lisboa; deixou diversas composições de musica sacra; morreu em Lisboa em 1651.

Mathias de Sousa Villa Lobos, natural de Elvas, onde nasceu em 1639, e em cuja cathedral foi mestre de capella; foi um dos mais notaveis contra-pontistas do seu tempo; escreveu uma arte do canto-chão.

João Alvares Frovo, discipulo de Duarte Lobo; mestre de capella da sé de Lisboa, capellão del-rei D. João IV, bibliothecario da real bibliotheca de musica; foi compositor muito notavel pela sua fecundidade; deixou muitas missas, psalmos, motetes, responsorios, sendo sobre tudo estimados os seus *responsorios a oito vozes do Natal;* falleceu em Lisboa em 1682.

Diogo Dias Melgaço, natural de Cuba, no Alemtejo; foi mestre de capella em Evora; compoz várias missas e outras peças de musica sacra; falleceu em 1700.

Fr. André da Costa, compositor e distincto harpista de D. Pedro II e D. Affonso VI; falleceu em 1685.

El-rei D. João IV, discipulo de João Soares Rebello; foi grande amador de musica, arte a que era muito dedicado; reuniu n'uma bibliotheca uma grande collecção de diversas composições musicaes portuguezas e estrangeiras desde os primeiros seculos da monarchia: toda esta preciosa collecção foi destruida no fatal acontecimento de 1 de novembro de 1755.

D. João IV, além de ser distincto amador de musica, era compositor e escriptor. Assim, escreveu dois tratados de musica, uma dissertação sobre uma missa de Palestrina, e um opusculo em resposta a um escripto do bispo de Loreto, Cyrillo Franco, datado de 16 de fevereiro de 1549. O bispo Cyrillo Franco, que depois morreu em Roma, commendador e director do hospital do Santo Espirito in Sassia, escreveu uma carta a um seu amigo, Hugolino Gualteruzio, em que se queixava da impropriedade da musica do seu tempo, e quanto era inferior á antiga, pois que nunca se achava de accordo com as palavras; dando-se muitas vezes o escandalo de se cantar os *Kyries*, o *Agnus Dei*, a *Gloria*, etc., coisas sagradas, do mesmo modo e com a mesma intonação com que era cantada a trova popular *Hercules Dux Ferrariæ*, etc.; cifrando-se o estilo tanto sagrado como profano quasi que exclusivamente em gritos e fugas. Vê-se que o tal bispo dizia coisas muito razoaveis, e que foram os excessos d'estes abusos que motivaram as prohibições das auctoridades ecclesiasticas e do concilio de Trento, e que combateu a reforma de Palestrina.

[1] *Bibliotheca Lusitana.*

D. João IV respondeu a esta carta um seculo depois, em um folheto escripto em hespanhol, sem nome de auctor [1] nem do logar onde se imprimiu, mas que se reconhece ser da mão do real *virtuosi*, porque, por baixo da dedicatoria a um fidalgo da corte, tem as iniciaes D. B. (Duque de Bragança), e a phrase *incertus auctor;* além d'isso, o seguinte acrostico que se acha antes da dedicatoria não permitte dúvidas a respeito do auctor do folheto.

El que la nueva musica defiende
Luso escriptor, con peregrinas flores
Retratar sabe en metricos colores
Efeitos con que el alma se suspende
Injusta pluma, desluzir pretende
Del arte en vano, armonicos primores;
En quanto sus defensas superiores
Pluma discreta felizmente emprende
Oraculo divino es todo quanto
Repulsaveis de accusacion mentida
Todo misterios, que el respeto occulta
Vence censuras criticas en tanto
Gloriosamente el arte presumida
A discurrir de intelligencia culta.
L

Contestava D. João IV, na sua resposta á carta do bispo de Loreto, dizendo que a musica moderna (seculo XVII) em nada ficava inferior á antiga, e que os melhores trechos musicaes da antiguidade nenhum effeito fariam sobre a geração contemporanea. Mostrou no seu escripto possuir D. João IV uma grande erudição musical; mas deve-se confessar que a critica do real escriptor era intempestiva, por haverem decorridos cem annos, e n'este grande espaço de tempo tinha-se operado a grande reforma de Palestrina na musica religiosa, e tinha-se inventado a musica dramatica com a opera lyrica.

(Continúa) FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES.

CERAMICA ANTIGA

VASOS DE BARRO DO MUSEU CAMPANA

(Conclusão. Vid. pag. 85)

II

Entre as reliquias da antiguidade que nos restam, os vasos de barro cozido, ornados de pinturas, occupam um logar muito distincto. Ao merecimento artistico que encerram, pela elegancia das fórmas, e muitos tambem pelo primor da pintura; e ao apreço que se lhes deve dar como objectos archeologicos de tão remotas eras, vem juntar-se um alto interesse para a historia, pelos importantes subsidios que n'elles se encontram para esclarecimento de muitos pontos historicos escuros ou duvidosos, e tambem para explicação dos usos e costumes dos povos que os fabricaram.

Pelo que acabâmos de expender, poder-se-ha ajuizar da variedade de assumptos tratados nos referidos vasos pelos pintores gregos e romanos. A mythologia era o campo mais communmente explorado por estes artistas. As innumeraveis divindades do Olympo e suas maravilhosas aventuras forneciam materia variadissima para se exercerem a seu bel prazer a poesia

[1] *Defensa de la musica moderna, ou resposta à la carta dello obispo Cyrillo Franco a su amigo Hugolino Gualteruzio.* Existe um exemplar na bibliotheca nacional de Lisboa e outro na bibliotheca imperial de Paris.

e delicadeza do pincel grego, principalmente, e depois d'elle o romano.

Os actos e habitos da vida d'esses dois povos, que tanto resplandeceram em quasi todas as glorias que a humanidade póde ambicionar, e que tão alto subiram na escala da civilisação, foram egualmente para aquelle ramo da arte inesgotavel fonte de recursos. Nos vasos mencionados figuram os jogos olympicos, floraes, circenses, e outras solemnidades publicas; os sacrificios e mais ceremonias religiosas; as dansas e outras festas populares; caçadas, pescarias, trabalhos de lavoira, e todo o genero de occupações da vida ordinaria do povo.

São os funeraes, talvez, a unica ceremonia que os artistas evitavam representar. Nos periodos da maior florescencia da ceramica, os quaes correspondem ao apogêo da gloria, da grandeza e do desenvolvimento artistico da Grecia e de Roma, as pinturas dos proprios vasos destinados a receber as cinzas dos mortos representavam, em geral, scenas mythologicas apropriadas ao uso dos mesmos vasos, taes como o embarque dos finados na barca de Charonte, a sua passagem na lagôa Stygc, e a sua entrada ou divagação nos campos Elysios. Foi na decadencia d'aquellas nações e nos ultimos periodos da arte ceramica que principiaram a figurar nos vasos as ceremonias então usadas nos funeraes. Assim póde servir esta circumstancia para determinar a epocha em que foram fabricados.

Tambem aos fastos militares d'aquelles paizes iam os pintores buscar assumptos para ornamento dos vasos. Por esta razão, em muitos d'estes vêem-se quadros de batalhas campaes, assedios e assaltos de cidades e de castellos, pelejas parciaes, expedições maritimas, combates navaes e triumphos de guerreiros, representando todos esses quadros factos historicos. E muitas vezes, para maior clareza, accrescentavam inscripções que explicavam a composição do quadro, declarando ao mesmo tempo os nomes dos personagens que ahi figuravam, e ás vezes os dos artistas que tinham feito o vaso e executado a pintura.

Variavam pouco estes vasos quanto a côres, pois que as figuras eram quasi geralmente pintadas com tinta vermelha sobre fundo branco ou preto, ou com tinta negra ou branca sobre fundo vermelho.

Tinham estes vasos diversos usos, e, segundo o uso, differente nome e feitio. Eram empregados como adorno, e tambem em outros variados misteres, nas fes-




Vasos de barro cozido pintados

tas nacionaes e particulares. Serviam de premios nos jogos publicos, e nos templos faziam uso d'elles para certas ceremonias religiosas. Outros, e d'estes em grande numero, eram destinados, como acima dissemos, para guardar as cinzas dos finados.

Os gregos e os romanos, como é sabido, queimavam os cadaveres em grandes fogueiras, e com mais ou menos apparato, conforme a fortuna e posição social do individuo. Depois de consumido o corpo e apagado o fogo, incumbia ao parente mais proximo do finado borrifar as cinzas com vinho, ajuntal-as com os ossos que as chammas tivessem poupado, aspergil-as com perfumes preciosos, e com as proprias lagrimas, encerral-as em um dos referidos vasos, e, finalmente, leval-as a depositar no logar que lhes estava destinado no jazigo de familia, ou no sepulchro que lhes fôra preparado, ou em outro logar de deposito provisorio, em quanto não se construia o mausoléo. Algumas vezes serviam-se de dois vasos para guardar essas reliquias funerarias, lançando em um as cinzas e no outro os ossos.

Os productos da ceramica antiga, descobertos em escavações feitas n'este seculo e nos dois antecedentes, elevam-se a um numero tão alto, que alguns escriptores o fazem subir a oitenta mil aproximadamente.

Não se tem restringido estes descobrimentos aos territorios onde floreceu com mais brilho a civilisação grega e romana. As explorações archeologicas tem dado resultados fecundos em todos os paizes onde chegou o dominio ou a influencia d'aquellas duas grandes nações.

Ha pouco mais de dois seculos que se descobriram na Toscana os primeiros vasos de barro cozido, ornados de pinturas, de que tiveram conhecimento as edades modernas. A descoberta excitou o zêlo dos archeologos, que, proseguindo com ardor nas suas pesquizas, desentranharam em poucos annos do seio da terra prodigiosa quantidade dos ditos vasos.

Como a Toscana era conhecida n'esses remotos tempos com o nome de *Etruria*, começaram os descobridores a dar áquelles vasos a donominação de *etruscos*, que lhes ficou, e pela qual ainda hoje são geralmente designados. É certo, porém, que lhes não convem similhante denominação, pois que tem servido mais para estabelecer e propagar um erro ácerca da origem da maior parte dos mesmos vasos, que para indicar o territorio onde foram achados. Quasi todos aquelles vasos mostram a sua procedencia da Grecia, não só nos assumptos das pinturas que os ornam, mas até nas suas inscripções em lingua grega.

D'este erro foram culpados os archeologos que presidiram ás primeiras escavações, ou que examinaram os primeiros vasos n'ellas encontrados. Porém os archeologos modernos, por effeito de estudos mais consciencioscs ou melhor dirigidos, e tambem por terem nas collecções existentes d'esses objectos uma área mais larga para as suas investigações, e, por conseguinte, mais seguro fundamento para os seus juizos, tem demonstrado que a maior parte d'esses vasos denominados *etruscos* é producto da arte grega. Os dois, cuja cópia damos em gravura, pertencem ao *museu Campana*.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio